

A FÉ PODE CURAR?

Maria Consuelo Oliveira Santos

Já não estamos mais na época em que essa pergunta estaria relacionada a alguma crença e, portanto, longe dos assuntos científicos. Hoje, muitos investigadores de centros acadêmicos de várias partes do mundo estão desenvolvendo pesquisas nesta direção. Buscam comprovar que a fé ou a vivência espiri-

“
A fé ou a vivência
espiritual
influenciam a
saúde física e
mental
”

tual influenciam a saúde física e mental. Levin (2003), um epidemiologista norte-americano formado em medicina preventiva e em gerontologia, constata que são mais de mil investigações que estão nessa linha; essas investigações estão evidenciando que os aspectos da vivência religiosa podem ser benéficos para a saúde e bem-estar de algumas pessoas.

Em seu livro *Deus, Fé e Saúde*, Levin apud Schoereder (2004) explora as conexões entre saúde e crenças espirituais, incluindo práticas de orações, meditações e serviços religiosos. Observa que essas atividades podem ser tanto preventivas como importantes promotores de saúde e bem-estar.

O cardiologista Savioli (2000), um dos pio-

neiros no Brasil a trabalhar com questões de espiritualidade relacionadas com a medicina, diz que a espiritualidade possibilita aos pacientes mais tranquilidade para expor seus problemas e serenidade para deixar-se conduzir nos procedimentos cirúrgicos.

E Koenig (apud Oliveira 2004), diretor do Centro para Estudos da Religião, Espiritualidade e Saúde da Universidade de Duke, EUA, assinala que o “reencontro entre Deus e a

“
A espiritualidade
possibilita aos
pacientes mais
tranquilidade
para expor seus
problemas

“

”

medicina” partiu tanto dos pacientes, que estão exigindo a humanização na atenção dos serviços, como das constatações científicas de que a crença religiosa pode influenciar – para o bem ou para o mal – na saúde do ser humano. Afirma esse autor que, entre as 24 investigações realizadas nos últimos 20 anos, a que mais lhe surpreendeu foi o efeito da fé sobre o sistema imunológico.

Entre 1985 e 1992 foram recolhidas 4.000 amostras sanguíneas de pessoas com mais de 65 anos que participavam de atividades religiosas e outras que não tinham hábito religioso. O objeto de estudo foi a interleucina-6, a proteína do sangue que indica o estado do sistema imunológico. Foi constatado que a proteína existia em maior quantidade entre aqueles com hábitos religiosos.

Uma das primeiras investigações brasileiras neste âmbito foi realizada pela Universidade de Brasília e coordenada pelo imunólogo Tosta (apud Oliveira 2004). Foram três anos de investigação para verificar a ação das orações sobre o corpo humano. Participaram 52 alunos voluntários. Cada semana eram recolhidas amostras de sangue dos voluntários e estes respondiam a um questionário. Um grupo de dez religiosos, de diferentes credos, orava durante toda a semana para um dos alunos a partir de uma fotografia. No sétimo dia se repetia a extração de sangue e o questionário.

Como havia sido eleita a metodologia do duplo-cego,¹ o que significa que, ao se fazer as análises dos sangues, constatou-se que os alunos que recebiam as orações apresentavam maior estabilidade nas atividades dos fagócitos, que são as células de defesa que destroem os agentes agressores e que podem ocasionar enfermidades.

Investigações como estas estão cada vez mais presentes nos âmbitos acadêmicos e os resultados se publicam em revistas consideradas de prestígio na área científica. Muitas das investigações são fortemente questio-

¹ Nem os voluntários e nem os pesquisadores podiam ter conhecimento da pessoa que estava sendo alvo das orações naquela semana. Portanto, nem o imunólogo Tosta, nem os estudantes tinham acesso a essa informação.

nadas, mas é inegável que nos encontramos diante de um momento fecundo para este tipo de investigação.

Os resultados das pesquisas sugerem que a dimensão espiritual é um fato significativo na vida das pessoas. A idéia de que esta perspectiva desapareceria com o desenvolvimento

“
A dimensão
espiritual é um
fato significativo
na vida das
pessoas
”

científico das sociedades está sendo revisada e se ressalta que não é a dimensão espiritual que desaparece, mas sim a maneira de a humanidade se relacionar com a vida.

Temos que reconhecer que o atual momento nos convida ao debate sobre a relação entre a espiritualidade e a saúde. Médicos de diferentes áreas em distintos países – indepen-

dentemente de suas crenças – buscam comprovação científica para esta inter-relação. Nos Estados Unidos, muitos cursos de medicina já incorporaram em sua grade curricular disciplinas que discutem, com os futuros médicos, a doença, a fé, a cura e como abordar o assunto com os seus pacientes.

No Brasil, somente agora a discussão começa a despontar, visto que é um tipo de estudo que recebe uma grande resistência de setores da biomedicina brasileira. Sabemos que muitos setores dessa área ainda ignoram os benefícios de grupos afro-brasileiros,

de grupos espirituais diversos e de curadores tradicionais que têm serviços prestados à população brasileira, em termos de saúde. É usual observar-se, na região sul da Bahia, a presença de postos médicos muito próximos a grupos afro-brasileiros, por exemplo, e não haver qualquer comunicação entre eles, onde médicos e enfermeiros desconhecem totalmente as atividades relacionadas à saúde que esses grupos desenvolvem junto às populações de bairros populares.

É Duarte (1998) quem utiliza a expressão “medicina cientifizante ocidental moderna” para designar a lógica do sistema biomédico. Por biomedicina, estamos nos referindo à teoria e prática médica que é predominante no ocidente e amplamente reconhecida em todo o mundo; é também sinônimo do que chamamos de medicina ocidental, científica e alopática.

O interessante é que grande parte da população brasileira costuma fazer uso tanto dos cuidados biomédicos como daqueles que mantêm uma relação direta com a espiritualidade. Neste comportamento coletivo, observa-se que não há problema algum em participar das duas formas de conhecimento e de se estabelecer as devidas interconexões. As populações são sábias e estão totalmente abertas para absorver em seu cotidiano os conhecimentos e práticas que lhes ajudem a viver melhor.

O mais estranho é que todos sabem disso, mas alguns setores continuam negando a proximidade entre os distintos modos de relação com a existência. Com os grupos alternativos, que fazem uma relação direta com a espiritualidade, também ocorre algo semelhante e freqüentemente são considerados bricolagens atrativas que existem para enganar os incautos e são despojados de qualquer fundamento científico.

Observemos que muitas considerações negativas são realizadas de fora e toda uma gama de preconceitos impede que se observe o que realmente ocorre, o que fundamenta o fenômeno da tão grande procura, que é o das medicinas alternativas. Isso se verifica a nível mundial e com um crescimento visível aos nossos olhos, em muitas cidades brasileiras.

Não há como negar que a discussão sobre as inter-relações entre os distintos saberes continua na ordem do dia. A Antropologia Médica e a Antropologia da Saúde estão contribuindo de maneira decisiva para a compreensão de fenômenos relacionados com o processo saúde-enfermidade, tanto individual como coletivo. Grande parte dos estudos têm o objetivo de demonstrar a existência de outras racionalidades médicas, isto em relação ao choque dos sistemas locais e os valores da biomedicina ocidental.

A doença não está limitada a uma realidade biológica; mas é parte de construções

“
A doença é parte
de construções
culturais que
variam em seus
diversos contextos
”

culturais que variam em seus diversos contextos. Isto fica claro quando nos remetemos às clássicas definições entre *illness* e *disease* (KLEINMAN, 1980). Podemos dizer que *illness* é a maneira como os indivíduos percebem os sintomas, os categorizam e atribuem significado. A noção de *disease* se relaciona com a maneira

como a doença é reinterpretada pelos profissionais de saúde, a partir de seus modelos teóricos que se baseiam na visão de doença como estado.

Através da experiência relacionam seus sentimentos com formas próprias de comportamentos por meio de caminhos diferenciados na busca da cura. Há neste processo uma experiência pessoal e uma atribuição de significado em relação à doença. A noção de *illness* é, então, a resposta subjetiva do indivíduo frente à enfermidade - uma resposta plena de aspectos tantos individuais, sociais e culturais na experiência de estar enfermo.

Invertendo nosso olhar e apoiando-nos não em doença como estado e sim como representação social; portanto, como *illness*, somos convidados a penetrar em um mundo de parâmetros não fixos, de verdades singulares e em contexto. É importante compreender o encontro entre o ordenamento

biológico, o social e o cosmológico, ou seja, é importante ter em conta sempre a multiplicidade do real.

Se a noção de doença-saúde é construída a partir de uma inter-relação do sujeito individual e coletivo em um determinado contexto social-histórico-político-cultural, a conexão da visão da saúde com a dimensão espiritual caminha na mesma direção. Creio que é uma relação fecunda e que nos convida a compreender as interconexões que podem permitir a construção de um modo mais abrangente de se colocar as questões. Também considerar um paradigma que vislumbre a dimensão cosmológico-ecológica, perspectiva esta que tenta ampliar a noção holística, já bastante desgastada, como assinala Marques (2004).

Estudar a temática espiritualidade e saúde também implica que participemos do debate sobre nosso momento atual, relativo aos racionalismos originados por parâmetros unidimensionais e todas as conseqüências provenientes dessas perspectivas. Falar da complexidade do real nos situa diante da integração dos elementos que compõem a realidade e, portanto, a nossa visão de mundo passaria pelo prisma da tentativa de interconexão e compreensão dos elementos que estão presentes em um determinado contexto.

É uma perspectiva que busca o rompimento com as superficialidades de algumas

propostas influenciadas por parâmetros unidimensionais e que já não expressam as ferramentas que possam nos permitir perceber, neste caso, a complexidade da relação entre espiritualidade e saúde. Todos conhecemos algum caso que nos remete a estabelecer essa inter-relação, o que significa que é um tema de grande alcance social. Portanto, já não podemos mais deixar de observá-lo sem os instrumentos que nos permitam aprofundá-lo e romper com preconceitos que tanto empobrecem a nossa visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Luis Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel. **Doença, Sofrimento Perturbação**: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1998.

OLIVEIRA, A. P. Espiritualidade na vida e no consultório (reportagem). **Folha em Equilíbrio**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0801200407.htm>>. Acesso em 8 jul. 2004.

KLEINMAN, Arthur. **Patients and Healers in the Context of Culture. An Exploration of the Boderland between Anthropology, Medicine and Psychiatry**. Berkeley, University of California Press, 1980.

SCHOEREDER, Gilberto. A Cura pela Fé (entrevista). In: **Sexto Sentido**, no 5, nº 52,

São Paulo, 2003.

_____. **Deus, Fé e Saúde**. São Paulo, 2004.

MARQUES, A. A Saúde em Outra
Perspectiva. OMS. Disponível em: [http://
www.opas.org.br/promoção/temas_
documentos_detalhe.cfm?id0=27&idd=80](http://www.opas.org.br/promoção/temas_documentos_detalhe.cfm?id0=27&idd=80)>
Acesso em: 8 ago. 2004.

SAVIOLI, R. M. **Milagres que a Medicina
Não Contou**. São Paulo: Ágape, 2000.

OLIVEIRA, A. P. Estudo Brasileiro mostra
que corpo reage a preces (reportagem).
Folha em Equilíbrio. Disponível: [http://
www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/
eq0807200405.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0807200405.htm). Acesso em: 8 jul. 2004.